

# MEROS DEVANEIOS

de Milla Bartô



WENDY RAMOS ALVES

*Dedico este apanhado poético ao meu sempre jovem avô, Célio Ramos.*

*Por ele há rima, verbo e amor...*

*Lacuna*

*Um trecho de mim não se publica, Uma farpa de mim não se materializa; Guardo no pouco que há de mim e que apenas eu sei... - Urrando na espera do inevitável*

## Céu de Estrelas

Estar só, em uma cidade seca é o ápice da dificuldade para aquele que é gerado por movimento, vozes e paixões. A procura pelo fogo nos olhares e brilho real nos sorrisos em novos personagens para esta história, trás consequências desconcertantes deixando muitos pelo caminho, sem entender como meu ritmo abusa da velocidade, se modificando. Esse processo é regular em minha vã rotina: Trazer para perto os que totalizam, surpreendem e ensinam. Aprendo, sofro, repreendo e me apaixono com a absoluta certeza da validade e conteúdo, sem medo, com o copo vazio, pronto para receber o calor de um bom vinho. Neste ponto, me pego olhando para o céu, identificando cada luz de cada estrela com a peculiaridade promovida pela diversidade do amor.

Para quem ficou para trás...meu carinho!

Para quem ainda está... meu amor!

Para quem virá...meu peito aberto!

## **Nosso altar**

Nascendo da simplicidade do pó estelar  
Sem ao menos vivenciar o porquê  
Com um certo medo que vira segredo em algum lugar  
Transformando tudo num mais belo clichê  
Nossa luz é a mistura mais fácil de se desvendar  
Emanando a força como que dentro não se cabe mais  
Gera a saudade que não pode esperar  
Assim como seu barco almeja o novo cais  
As palavras ditas e contempladas começam a significar  
Sem incerteza e sem dor  
Não importa a hora do dia ou o tempo a contar  
Nos deixando a contorcer de torpor  
Fortificando o elo que surgiu naquele altar

## O preço de uma opção

A medida que temos nossos planos moídos pela força invisível da insatisfação, identificamos o ardor de escolher entre nós mesmos ou a manutenção das fantasias (não mais existentes). Enxergar isso é cruel, desmistificador.

Sou daquelas que sonhou desde menina em me dedicar ao amor e acreditar que haja apenas um só.

A dor desta nova (na verdade ... mais uma) visão clama pela solidão e a arte de lidar com seus pensamentos, apenas eles...

Esta breve introdução é a notificação interna de que o tempo é nosso pacificador e acalenta nossas indagações, mostrando a força existente em nós e a capacidade de recomeçar, mesmo com letras sem músicas:

Ser só e sentir a brisa afagando a pele,  
estar só no mundo que é só meu nos compassos de minha  
solidão acelerando meu coração com lembranças...

E hoje, quem ainda não consegue ver a lua Fica rubro, sem esperanças pelo medo de realmente sonhar movendo-se em espasmos ritmados ao som da alma o som do vazio clamando por companhia para ver estrelas... E feliz por se ouvir ao misturar ao mar.



## Os meus melhores dias

Na absoluta entrega...

A honestidade no olhar e nas afirmações;

Os beijos de simplicidade e paz, que fazem o mundo parar por segundos;

O aconchego nos braços com jeito de casa;

Todos os superlativos - da gramática que deveria ser perfeita -  
Juntam-se na descrição do "nós".



## **Um noite no presente**

Assim como se a noite fosse na taverna;  
De forma despretensiosa;  
Me arrisco no universo do romantismo necrófilo;  
E dos amores inatingíveis;  
Da palidez do torso sucumbido;  
Da poetude apenas escrita e nunca vivida.  
A ausência se torna a exiguidade da luz;  
E a embranqueça um ato épico;  
Lamentando a inclinação musical;  
Que presentemente traz o ônus da mudez;  
Deve-se encerrar e expurgar o desígnio do encontro no ato  
final da existência;  
Para que o lampejo seja corretamente direcionado ao agora.

Vale a citação:

"Descobrimos, como de sempre o soubemos, ainda que inconscientemente, que uma luz tem como função apenas iluminar um caminho, e jamais apontar um destino, que os destinos somos nós que os fazemos, nunca uma luz, por mais poderosa ou onipotente seja ela, mesmo porque, no fundo, nós é que dirigimos o facho da luz e o apontamos para a senda que mais seja de nosso agrado, gosto ou vontade." (página 61 – Uma Noite na Taverna – Alvares de Azevedo)

## Enigmas da Rosa rosa

Uma construção parafraseada em homenagem.

Como quem se conhece tão bem e não se lê.

Se cega para ânsia em desmoralizar todo o quadro em função de uma tinta fora do lugar.

Prolonga o tempo do vazio e dúvidas, desmerecendo os dias de céu.

Torna o amor o irmão do sofrer.

E não adianta as folhas da trilha trazer: Vermelhas, laranjas, lindas.

O absurdo dos seus furacões internos, ofuscam o apreço; Que clamam e apelam pelas carências do agora.

A distancia causada nem é mais vista.

Seu olhar está voltado apenas ao EU .

Apesar do universo ter seu próprio ritmo, de dançar dando voltas, em poucos dias as vezes, em muitos anos, outras... vezes.

Conclui-se o quanto é impossível chegar perto e entrar. Ponto não final..

## D-TOX interno

Longe daqueles que são uma continuidade de nós mesmos, para conseguir descobrir que foi sendo egoísta que aprendi a ser generosa.

Agora... saindo da própria ilha rumo ao desconhecido.



## Água Doce

A água em correnteza a nos mimosear;  
Com a firmeza de um novo velho sonhar;  
Como um ofertório concedido pela energia divina do amor; Para  
sua filha, por um fio, descrente...  
A brandura gera nova existência;  
Sorrisos singulares;  
E o jornadear agora convicto;  
De quem vai direto à confluência dos abraços tão ansiados...  
Narrados como as formas que as águas se apresentam  
Da lágrima à saliva;  
Doce e salgada;  
Translúcida e cintilante;  
Rejuvenescedoras...  
E ímpares...



## **A menina descalça**

Segurando ainda a boneca nos braços;

A menina chora, correndo com os pés no chão e despida de  
desalentos;

Gargalha quando tropeça e levanta ansiando por alcançar sua  
sombra.

A menina presentemente, ainda intacta;

Brinca de viver e clama pelos mesmos intentos de outrora; Por  
meio dos seus olhares de tamanha singeleza;

Apenas para se poemar...

## Engarrafamos o amor

Renunciamos o benquerer?

Despercebemos a premissa de se enamorar?

Somos capazes de ponderar que o não experimentar é mais perverso do que o sentir?

Permitimos o desbotamento para não se atar ao nosso diverso?

Dentre tantas interrogativas, mantemos prisioneira a pureza;  
Ainda matizada e pulsante, mas desesperançosa; Urgindo pelo trovadorismo duetista;

Um bardo poderia dedilhar canções se elucidando aos incrédulos;

E cativa-los com a milenar resplandecência; Enaltecendo o amor romântico;

E o colorido quando se vê o outro através de si; Cante!

Opte pela aventura de se entregar, bardo!

Recita tu!

Recitemos nós!

## **Poeira**

À margem da estrada;

Sem saber depreender a curva à frente ou a primavera, ali,  
desabrochando;

Se o sopro do vento conduz o perfume do póstero ou da  
própria flor.

Porém, rompendo os mitos pueris;

Através da ternura da madurez, acionando o corpo para o  
levantar;

E o vigor imo que surge bordeando a estrada de amor.

Há sempre um longo caminhar...



## **Rumo ao "ME"**

Buscando a mim mesma; conheci uma menina que ensinava a mulher a viver;

Tão íntimas e tão fortes - quando juntas...

## O "selfie" daqueloutro

Meu corpo é meu interior divulgado;

Publicá-lo seria leviano – Assim pondero!

Se exigida pelo mundo a acompanhar o chulo, renego. Repilo a amostragem do íntimo;

Venero o seduzir do discreto;

Cultuo a sabedoria e exprimo no físico o que ganhei da vida.

Saudoso século XIX! Erotizar e seduzir com o antebraço –

Descrito por Machado de Assis;

Nos cobríamos com vestimentas;

E éramos despidos pela alma.

Repudio a exposição exacerbada!

Inquiro a Capitu contemporânea;

Mesmo não me considerando da ala conservadora...

Rogo pela valorização do eu imaterial!

"Se quisermos congelar o tempo e nos encerrarmos nesse casulo, estaremos liquidados antes mesmo que a juventude acabe. Seremos a nossa ficção. A realidade continuará a nossa volta, e um dia vamos perceber que estamos fora dela." Lya Luft.

## **Obnubilados**

Escreva-me uma carta!

Sobre as cinzas desta quarta;

E escreva-me uma carta!

Deixe de tentar se descobrir por baixo deste penacho;

Nesse intenso desgastado coração.

Retome a bateria legítima da vida;

E escreva-me uma carta!

Aprofunde-se na acanhada alegria;

Pois a superficialidade bastou!

Escreva-me uma carta de amor!

Como se fazia quando não conhecíamos a miséria da alma.

Quando não nos escondíamos em confetes e serpentinas;

E reconhecíamos que era púnica a ilusão de ébrio prazer.

## **O escondedouro**

Ninguém sabia, mas estávamos ali...

De mãos, enlaçadas, estirpes - já.

Sibila-se ao longe a canção e o então.

Revestidos neste suspiro em cheiro de saudade, Quando nutrida  
pela minha paciência;

Aprende a separar, permanecendo inteira;

Sem intervalos de tempo;

Nas reticências deste e de todo romance;

Cada vez mais continuado.

Construo um poema erguido deste dueto;

De pedra, cal e ânsia.

Em calhamaços, edificamos as paredes que nos chancelam.

Desconstruimos o singular;

Quando vivo você e você a mim.

Ninguém sabia, além de nós..



## **Adjetivando-nos**

Em ti, o meu;

Largo

Inebriante

Vivaz

Composto

Apinhado

Estimável

E majestoso riso.

Pairando no lamento destes atributos gramaticais... Em mim, tu.

## **Apenas um ser em um bilhão deles**

No retrato que anseio;

Descrevo o vulto ainda não amoldado;

Traçando-se em tempo de elucidação;

Descrevo e escrevo ao ermo, ao nada, ao tudo abstrato;

Àquele que restitua os sonhos ou oferte novos;

Que durma tão profundamente, sendo preciso às vezes,  
verificar o baticum;

Alguém que sofreu e entenda o sofrimento;

Ao ponto que nenhuma alocução seja imperativa; Àquele que  
desembaraça-me dos meus deságios;

E aceite;

E por fim, que sonhe os sonhos que não sejam impossíveis,

Como sonatas ou notas tiradas de violões;

E versos que nunca soube assimilar.

## Agaveta

Vago e esparso espaço

Entreaberto

Cavo

Ausente do vício

Vário

Frívolo e imane

Versejo

Pressinto a cortina de vento

Rangido

Lá se vem o completar...



## Indígete do ego

Roube-me de mim,  
Do meu algoz interno,  
Da minha mente quando enferma,  
E do auto flagelo enquanto erro.  
Salve-me da minha mente,  
Que de tão arguta,  
Aprisiona estrategicamente.  
Este clamor por proteção,  
Nada mais é que uma imersão,  
Nas profundezas das próprias sombras,  
Este guerreiro que partirá para o combate,  
Nesta luta de resgate,  
Ao se olhar no reluzir de seu florete empunhado,  
Vê a mim... Mostro-me nesta hora,  
Que aquele ser capaz de me socorrer,  
Sou eu,  
E aquela bravura exuberante,  
Vem puramente de mim.



## Celibatando o verbo

Dentro dos trinta e poucos,  
Manejo muito bem meu exílio,  
Prediletando o uno.  
Aponto para o cais de mim.  
Mais nobre agora que outrora,  
Pois aquilatei as trevas das criaturas,  
Aprego, como um aviso constante,

“- Não aceito pouco, nem troco, nem menos, mas tudo mais.  
Acato o que é condizente com o que me tornei. Lacrado,  
poupado, velado e abarcado”.

## Cálculo de Rotas

Há pouco,

A minutagem tinha gosto secular;

E melancolicamente eu nos perseguia;

Sã o suficiente...

Lembrava-me de quando olhávamos juntos por aquela janela –  
quase ontem;

De quando não havia viagens para o futuro em forma de fuso;

De quando a medida máxima era mensurada do ombro até a  
nuca.

Nesta hora,

Exausta de converter línguas, moedas e escalas, Acompanho o  
tiquetaquear arrimado a esperança do logo...

## Enveredar

Desenleando este trecho sem pontuação e sem respiração marco o início da romagem às gerações passadas em busca do mal secular. Burlando as métricas e rimas, cavo meu lugar ao lado do trono de Byron, para beber de seu cálice oracular e recobrar a resposta que rasteio. Sem qualquer nova descoberta, além de um desencontro tubercular, decido retomar minha jornada na linha do tempo da poética.

Ainda imantizada pelo imediatismo, aligeiro-me as pernas quando ouço ao longe o tanger da viola do Sr. Moraes, ansiada pelo ímpeto de ser sua décima dama e deslindar suas inclinações líricas. Assim como o próprio, atestei meu cansaço preterital, quando meu assobio perdeu a sonoridade, restando apenas a apetência pelo regresso.

Desalentada, mas ainda atenta, pude reconhecer em meu novo corrente rumo, contemplando os céus e as montanhas, o contador de estrelas.

Sentando-me ao seu lado, descubro mais que em toda e qualquer rota - novamente na euforia da ausência de regra gramatical - internalizo o aprendizado que a escapulida ao passado seria apenas o remédio se fosse para me encontrar, sem solidão, mas ebulição.

Com o norte bussolar, me aprumo com a magia de Vênus, marco estelar, que por hora, não

## **Sob você e sobre mim**

O sibilar da sua respiração;  
Em arrepio e combustão;  
Agridocemente ritma o bailar dos meus pêlos.  
Dentro dos beijos que eternizam o espaço;  
Somos impelidos ao pacto do inacessível um do outro;  
E num átimo silenciado pela ofegância;  
Miramos os olhos dentro dos olhos;  
Pesando a mão sobre a pele já inflamada;  
E desfazendo as palavras em explícito.  
Eu, pudica e diminuta;  
Sorrio moleca;  
Desnuda de sentidos;  
Morrendo e vivendo de novo na tua boca.  
E tu, Sobressaltado;  
Deleitas nossa permanência sacramental;  
E recebes o meu longo suspiro de vida repleto de nós...

## **Aquarela-me**

Devia-te um verso, dois ou todos;  
Devia-me tanto!!! Alforrio-me sem milagres;  
Melodia da poe maturidade ;  
Simbiose do tom deste olhar;  
Ora baio e ora guaraná.  
Asas e abismos desta Boca de Leão;  
Adorno-me!!! Aleijada na estupidez;  
Absolvo-me!!! Selvagem faísca de luz;  
Traços rasgados;  
Sonhamor deste livro de colorir;  
Oceanizo-me! Versos que habitarão em mim, poesia Na pele,  
cordas vocais...



## **Baile de Máscaras**

Frase ouvida: “De que vale ter convicções e valores se seus valores estão ultrapassados? ” Esbravejo para me manter dentro daquilo que fui ensinada. Indiferente ao incomodo gerado por não estar acompanhando essa realidade degenerativa e ao espanto de outrém, fomentado pelo desconhecimento de tais princípios. Salve, o terrível carnaval moral da liberalidade! O baile dissoluto que um dia fora cândido! Vista sua máscara! Está quase na hora!

## **O terrível colóquio do amor**

Discutimos o amargor

Amaldiçoamos aquele enlace

Caçamos dessa nossa alma imensa

Estilhaçamos a trave ocular

Arremessamo-nos ao oco

Quanto tempo ficamos?

A medida exata para voltarmos implorando por mais E mais...

E sempre mais... ..

Pour toute ma vie...



*E um beijo é o maior presente que posso dar...*